

■ WASSILY KANDINSKI

*Yellow-Red-Blue*, óleo sobre tela, 1925



# A FORÇA UTÓPICA DO MESSIANISMO POLÍTICO DE ERNST BLOCH

HUDSON MANDOTTI DE OLIVEIRA\*

**RESUMO** O presente artigo propõe analisar os elementos constitutivos presentes na Filosofia da Esperança de Ernst Bloch, com base em questões essenciais: os vestígios da utopia, o possível futuro, as concreções utópicas e o messianismo político como um processo que permanece aberto. Contornos utópicos do pensamento de Bloch são aqueles que, num sentido abrangente da existência do ser, constituem uma síntese de suma importância – “S ainda não é totalmente P”. Nesse sentido, a não sublevação e o desdobramento do humano em sua totalidade permanecem em um processo expectante, cuja tarefa é considerar que esse possível do ainda não realizado é que fundamenta a ação transformadora da política messiânica.

**PALAVRAS-CHAVE** Bloch. Messianismo. Política.

## THE UTOPIAN POWER OF ERNST BLOCH'S POLITICAL MESSIANISM

**ABSTRACT** This article analyzes the elements present in “Philosophy of Hope” by Ernst Bloch from essential issues: the vestiges of utopia, the possible future, utopian concretions and political messianism as an open-ended process. These utopian contours of Bloch's thought are the ones that, in a comprehensive sense of the existence of being, set a relevant short synthesis - “S is not yet fully P”. In this sense, the non-uprising and the unfolding of the human in its entirety remain in an expectant process whose task is to consider that this possibility of the not yet realized underlies the transforming action of the messianic politics.

**KEYWORDS** Bloch. Messianism. Politics.

\* Doutorando do Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP – Brasil.

E-mail: hudson.mandotti72@gmail.com.

## Introdução

Ernst Bloch, filósofo, humanista e socialista, às vezes denominado “Mago de Tübingen”, foi, ao mesmo tempo, conciso e prolixo, forçando sempre uma múltipla interpretação, devido a sua maneira hermética e seu teor peculiar de tratar de temas relacionados a aspectos ocultos da história, mas principalmente por causa da magia de suas palavras, isto é, o uso metafórico de imagens e figuras que funcionam como estrutura alegórica, tanto oral quanto escrita.

A solidão, o exílio e a má compreensão de seu pensamento são marcas que acompanharam Ernst Bloch por longo tempo, o que o fez receber o título de “sobrevivente”. Nascido em 1885, na Renânia-Palatinado, nosso sobrevivente sempre esteve na diáspora. Em 1912, Ernst vivencia o que se denomina de simbiose judeu-alemão no círculo de Heidelberg, frequentado por Max Weber, György Lukács (uma amizade mantida até o fim da vida), e Karl Jaspers, mas é amedrontado pelo nacionalismo prussiano. Mais tarde, veio o primeiro exílio na Suíça, em 1917, a fim de escapar da conscrição no exército alemão.<sup>1</sup> Tendo grande simpatia por Rosa Luxemburgo, retorna brevemente a Berlim, devido ao movimento espartaquista, porém o abandona por sua supressão, instalando-se, assim, em Munique. Em 1921, retorna a Berlim novamente, onde teceu uma rede de amizades com Walter Benjamin, Bertolt Brecht, Theodor Wiesengrund (Adorno), Siegfried Kracauer, Kurt Weill, Hans Eisler e o regente Otto Klemperer. Em 1933, Ernst Bloch deixa sua residência, na Alemanha, fugindo do regime nazista, assim como Walter Benjamin, que ele reencontra pela última vez na Suíça, lugar onde os poetas alemães refugiam-se e morrem, porém será expulso de lá.<sup>2</sup> Faz uma passagem relâmpago pela Áustria, chegando a Paris em 1935, onde participa do Congresso para defesa da Cultura. Por fim, em 1938, chega a Praga, mas logo se vê obrigado a abortar a permanência ali em virtude da invasão nazista da Tchecoslováquia, o que o conduz para o exílio estadunidense.<sup>3</sup>

Começam, então, os dez anos de dedicação para a produção dos Tomos I, II e III de *Das Prinzip Hoffnung*, em uma América onde não encontra refúgio e, na pior das

<sup>1</sup> BOURETZ, Pierre. *Testemunhas do Futuro: Filosofia e Messianismo*. Tradução de J. Guinsburg, Fany Kon, Vera Lúcia Felício. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 689.

<sup>2</sup> Segundo Pierre Bouretz, uma bela fórmulação de Thomas Mann (*Ibidem*, 2011, p. 690).

<sup>3</sup> *Ibidem*.

circunstâncias, não consegue reconhecimento universitário, conseguindo se sustentar graças ao trabalho de Karola, sua esposa. Esse sentimento de pouca sensibilidade à cultura americana, segundo Bouretz, atende a seus “sonhos de uma vida melhor” e oferece um desmentido magistral que, segundo Tillich, pode ser chamado de “o efeito antiutópico da imigração”.<sup>4</sup> De volta à Europa, em 1948, aceita a direção do Instituto de Filosofia da Universidade Leipzig, imaginando que isso teceria uma contribuição para reconstrução de uma nova Alemanha, numa espécie de conjugação socialismo e democracia. No entanto, o projeto dura pouco, pois, com a insurreição de Budapeste e a detenção e condenação de seus amigos, é também acusado de revisionista e impossibilitado de lecionar a partir 1957. “Em Tübingen, até 1977, no chamado de último exílio ou retorno, passa os últimos decênios de sua vida recebendo tardiamente o reconhecimento às vésperas de sua morte.”<sup>5</sup>

4 *Ibidem.*5 *Ibidem.*

O destino do cenário de Bloch define-se pelo medo, todavia, nesse eterno exílio e sofrimento na pior das épocas, quisera reservar o melhor dos sonhos do humano, dando contornos harmônicos e alternadamente nostálgicos e entusiastas. “Um espírito exílico residido em um sentimento que permanece afastado do soclo mais secreto da experiência: uma contestação radical da visibilidade do mundo.”<sup>6</sup>

6 *Ibidem*, 2011, p. 691; p.732.

Na obra inaugural, *Geist der Utopie*, de 1918 (Espírito da Utopia), o filósofo, aquecido pelos conflitos na Europa, pensa na formulação de uma alteridade, cuja ênfase emergencial é um triunfo humano sobre o cenário alienador. Essa possibilidade des-reificadora advém de “sonhos diurnos expectantes”, associados à uma crença no amanhã. Essa expectativa se traduz no impulso necessário, que avança para tornar “real os sonhos acordados”, que até o momento é “pré-aparência” do “ainda-não-é”, para formar o ser do homem.

A história da utopia representa o *quantum qualitativo* de todos os sonhos humanos para humanizar a vida. Essa é a herança verdadeira que todas as épocas legaram à história da humanidade. Conforme Bloch, “é possível sonhar um novo amanhã, pois há uma consciência antecipada do futuro que está em aberto na matéria, que ainda-não-foi concretizado, mas que é possível de ser.”<sup>7</sup>

7 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung. Band. 1.* Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 67.

Há um movimento dialético que, de forma coerente, continua a conjugar “um ser-em-possibilidade”, um “ainda-não-ser”, que é a maneira blochiana de desatar os nós da vida humana, tendo por princípio a Esperança – *docta spes*. Em síntese, o pensamento blochiano é uma espécie de formulação, “S ainda não é P”, que configura uma aspiral

que se desdobra da seguinte forma: o proletariado não sublevou; a natureza ainda não é nosso lar, e a realidade não se desdobrou em sua totalidade. Essas afirmações nada mais são que maneiras de dizer: tudo está em um processo contínuo e aberto. Segundo Lima, pode-se afirmar de antemão que “o fator impulsionante do pensamento de Bloch encontra-se em uma ordem temporal intocada.”<sup>8</sup>

<sup>8</sup> LIMA, Carlos. *Genealogia dialética da utopia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 13.

Persegue o pensamento de Bloch um otimismo militante fundado no logos esquerdo, excêntrico e transversal, que possibilita ensejar a construção de uma utopia que é insurreição, revolta, destruição da ordem e do lugar, uma subversão do poder que visa à pátria liberta e humana. Para Bloch, [...] “as imagens objetivas da esperança, no processo de construção, impelem irrecusavelmente em direção às imagens do próprio ser humano plenificado e do seu ambiente plenamente mediado por esse ser humano – à sua pátria”.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 1. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2009, p. 26.

Por isso, segundo o pensamento blochiano, a arquitetônica de um messianismo político é sustentado pela esperança e realizado pelos seres humanos que, até o momento, apenas haviam vislumbrado como sonho, pré-aparência elevada e também suprema, uma arquitetura do amanhã que vive no hoje e que se realiza no possível lugar não reificado.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 27.

## Os contornos do utopismo blochiano

Entender esses contornos do messianismo político de Bloch está longe de ser algo simples, uma vez que a expressão constitui-se de uma espécie de mosaico do elã de outrora. Como figura detetivesca em busca dos vestígios para composição de seu pensamento, Bloch insere a utopia como elemento concreto em toda a realidade. Entretanto, o termo utopia tornou-se adjetivação pejorativa, por oposição ao cientificismo e aos fatores paradoxais que não chegam ao consenso. Ora, diante do seu desaparecimento ou surgimento, levantam-se mais dúvidas do que esclarecimentos. Assim, “sob a densa névoa, o olhar enxerga parcialmente, fazendo-se necessária a recorrência da memória (*Enrinnerung*) do hebraico (זכור - *Zakhor*)”<sup>11</sup>, para o resgate dos possíveis vestígios da utopia e a travessia do pensamento da esperança.

<sup>11</sup> YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor. Jewish History and Jewish Memory*, Washington, University of Washington Press, 1982, p. 25.

Para o pensamento blochiano, a errância da utopia arquiteta-se em um porvir vivenciado no agora, representado no *quantum* de todos os sonhos dos homens que ainda não são totalmente, ou seja, a projeção contínua, que é de suma importância para a

humanização da vida. Esses pressupostos sobre a capacidade utópica de impulsionar os homens a projeções se constitui como *quantum qualitativo*, o excedente utópico que se apropria e amplia de maneira qualitativa, uma forma de dizer que o legado da utopia é a herança de todas as épocas. Portanto, isso nos leva ao significado de clinâmem, a razão descontínua, excêntrica, o “pré-aparecer” das coisas que ainda não estão presentes na importância do filosofema de Bloch. Aquilo que ele denominou de capacidade de antecipar-se como “consciência do já”, “mas ainda não”. O imperativo da lembrança saudosa de plenitude anterior (*Andenken*) do realismo de todos os realismos, o que inclui também o socialista. A insurreição realística e subversiva que se encarna, registra ou até mesmo desvela-se na experiência dos possíveis, como exploração do futuro – ponto em que a utopia se torna realidade.<sup>12</sup> Assim, diz Bloch que a filosofia terá a consciência do amanhã, o princípio do futuro, o saber da esperança, ou não terá saber algum.<sup>13</sup>

Aqui se anuncia a temática da utopia, os extratos forjados pela intencionalidade simbólica de Bloch, o arquétipo utópico inserido em um processo labiríntico entre o desespero de um mundo entenebrecido e a esperança. Portanto, para constituir a possibilidade real, deve-se pensar nessa expectativa messiânica, o que seria uma espécie de arquitetônica da “esperança do esclarecimento”, pois renasce não de forma crepuscular, mas, sim, como o amanhecer.<sup>14</sup> À luz dos vestígios messiânicos, a maneira detetivesca blochiana apreende que a expectativa é um dos fatores que forja a humanidade. Dessa forma, o significado da utopia adveniente encontrada no pensamento de Ernst Bloch confirma que a filosofia da “esperança” (*Philosophie der Hoffnung*)<sup>15</sup>, indubitavelmente, retira do homem as mais complexas e diversas situações de sua vitalidade, representadas pela insatisfação, irresolução e por uma realidade indeterminada que ainda está por se fazer. Segundo Jost, para o pensamento blochiano, o processo de vivência da singularidade humana habita algo que não se manifestou por completo, o que significa que esse momento vivido tem uma determinação do “ainda não”. Consequentemente, isso configura que cada humano é alimentado em seu ser por uma “carência que o impulsiona para uma autorrealização”.<sup>16</sup>

Segundo Santos, esses vestígios utópicos resgatados por Bloch são como o rosto no espelho: “o reflexo daquilo que os impulsiona e os anseios deterministas que não os deixam esperar”.<sup>17</sup> Essa afirmação inclui trazer à memória que os homens esquecem-se dos elementos que são vitais para as elaborações de sua travessia e implica conduzir

**12** FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, p. 115.

**13** BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung. Band. 2*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 14.

**14** BLOCH, Ernst. *Princípio Esperança*. V. 2. Tradução de Werner Fuchs. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2006, p. 194.

**15** A palavra alemã *Hoffnung* significa esperança e, no pensamento de Ernst Bloch, tem uma peculiaridade, pois significa *docta spes* (douta esperança), cuja principal característica é a luta contra o imaturo e o abstrato, tendo como ponto de partida o real contido na própria antecipação.

**16** JOST, Toni. *Die Figur des Messias im Denken Ernst Blochs*. GRIN/Verlag für akademische texte, 2007, p. 4.

**17** SANTOS, Thiago Reis dos. *Reconsiderando a utopia: Um estudo sobre o pensamento de Ernst Bloch*. 2011, 102f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/SP, p. 30.

o humano a uma atividade intelectual pela tomada de consciência, “pois é da capacidade humana reinterpretar seu determinismo”.<sup>18</sup> Entretanto, condicionado fisiobiologicamente e socioeconomicamente, o humano pode, até certo ponto, romper, criar uma fissura, cuja força constrangedora de seu condicionamento o leva à consciência e à reinterpretação do seu estado de inércia<sup>19</sup>, sendo a esperança a visão que se abre fixamente no porvir (projeções que estão em estruturação).<sup>20</sup> Logo, esse prognóstico, de maneira imperativa, retorna necessariamente para o presente trazendo a visualização das condições materiais objetivas para sua realização, evitando tanto as reduções de uma ótica idealista do advento quanto a intervenção ideológica como conformidade e resignação. Portanto, ao contrário do que se pensa sobre os contornos da utopia, deve-se esclarecer que a “Filosofia da Esperança”, munida de sua força utópica, cede as margens que possibilitam uma real crítica ao presente, uma régua de medição de suas possibilidades, passando, assim, do “não” ao “ainda-não”.

A expressão “ainda-não”, segundo Bloch, é como pedra que fundamenta a arquitetura da crítica da Filosofia do possível.<sup>21</sup> Por conseguinte, é o desejo que consiste em fazer os olhos dos homens vislumbrarem o mal-estar de seu desencantamento que pode ser atribuído a uma realidade reduzida e condicionada. Desse modo, todas as implicações desse problema conduzem a pensar que a primeira tarefa do pensamento blochiano é demonstrar a complexidade do desencanto humano, uma vez que está implícito no ato de negar o caráter anímico primitivo das categorias do imaginário e da própria transcendência, que prescindem do princípio de realidade. Em consequência, o esperar consiste em um engajamento longe de ser idealista, mas, para que torne real, surge de uma conscientização, como algo que existe sob a forma do “ainda-não”. Contudo, a forma primitiva significa que a intenção do “não-sido-ainda”, do que espera ser feito, é deslocada pela ordem cultural, que nega a figura essencialmente incompleta, uma vez que sua incompletude a confronta com seus questionamentos. Essa incompletude humana constitui desdobramentos que pertinentemente mobilizam os homens a reinterpretar o seu modo condicionante de ser. Sendo assim, percebem-se como existentes sob a forma do que “ainda-não-é”. Por esse motivo é que a capacidade antecipadora, saber-se a si como “ainda-não-sendo”, “o vir-a-ser”, que nos arranca da presença imediata nos conduz à pergunta: “O que é isso?”, ou seja, a doce infantilidade do questionamento que percorre o obscuro, justamente demonstrando que as coisas

21 BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 2. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: UERJ & Contraoponto, 2009, p. 255.

não são o que podiam ser. Assim, o caráter utópico do “ainda-não” se configura na pergunta inconstituível (*der Gestalt der unkonstruierbaren Frage*), que representa “aquela única coisa que deveria ser pensada”.<sup>22</sup>

Esse resgate dos vestígios da incompletude humana convocam a releitura do próprio homem pelo olhar detetivesco do advento que tende a valorizar não o que se afirma ser culturalmente refinado, mas, sim, a coisa simples, rudimentar, aquilo que necessariamente não é (*den ungeschlachten Ding*).<sup>23</sup> Em Bloch, a irrealização, o ir além do dado tem o caráter audaz da mediação e a cautela que recusa o estado de inocência das coisas, definida pelas imediações que marcam o inevitável movimento filosófico da mediação. Segundo o Filósofo de *Ludwigshafen*, as indicações fugazes e passageiras precisam ser percebidas, reconhecidas, interpretadas, possibilitando, assim, a leitura das reduções do estado de cristalização das mentes, o que significa que os vestígios de um “poder vir-a-ser” expressam-se pelo anseio (*Sehnsucht*). Portanto, contrariam a hipertrofia causada pelo entendimento da técnica e principalmente pela ausência de sensatez nas formulações dos desejos de realização.<sup>24</sup>

À vista disso, a “velha botija” (*Ein alter Krug*)<sup>25</sup>, nome dado por Adorno em suas leituras sobre o pensamento de Bloch, não como forma depreciativa ou pejorativa, mas como importância, leva-nos a uma espécie de movimento de interioridade que redescobre sua riqueza, justamente por não ser autocomplacente e fixa em si própria, mas por constituir-se um fluxo de mediação, cujo canal redescobre a abundância de conteúdo na vida exterior (*Gehalt*) – aquilo que não só aparece na superfície, mas que é também substancialmente profundo, que transparece por meio dela, mostrando como as coisas podiam ser.<sup>26</sup> Essa capacidade de realização não se esgota em sua potência de negar a realidade perceptível, pois sua negação é fonte profunda de um sentimento de liberdade. Sendo assim, faz-se necessário lembrar que o poder produtivo, aquele que serve para prospectar e explorar o possível, desenvolvido e realizável no real, esconde o possível, e cabe à consciência antecipadora descobri-lo.

Desse modo, o possível são lampejos indicadores de um primeiro aspecto elucidativo da utopia. Primeiramente porque a realidade seria como o ser em possibilidade. Mais do que algo presentificado, é algo que tende para o inexistente por meio dos possíveis. A utopia, nesse caso, nega os determinismos produzidos pela realidade, no sentido em que o real está prenhe de possíveis. Isso favorece a crítica da realidade, cujo

22 ADORNO, Theodor. *W. Henkel, Krug und Frühe Erfahrung*. GS, v. 11, 1965, p. 558.

23 *Ibidem*, 1965, p. 5.

24 SANTOS, Thiago Reis dos. *Reconsiderando a utopia: Um estudo sobre o pensamento de Ernst Bloch*. 2011, 102f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/SP, p. 30.

25 ADORNO, Theodor. *W. Für Ernst Bloch*, GS, V. 20/1, 1942, p. 192.

26 A leitura do livro *Geist der Utopie* de Ernst Bloch causou um efeito em Adorno que traz em si tudo o que veio depois, suscitando no filósofo da dialética negativa uma revolta contra essa negação (*Versagung*) que penetra no pensamento, até em seu caráter puramente formal, e que nele se prolonga. Por esse motivo, precede todo seu conteúdo teórico. Diz Adorno: “apropriei-me desta obra de tal maneira que acho que nunca escrevi alguma coisa que, de alguma maneira, não estivesse latente ou aberta, em minhas reflexões”. (ADORNO, Theodor. *W. Henkel, Krug und Frühe Erfahrung*. GS, v. 11, 1965, p. 557).

27 Para Bloch, a maneira processual aberta é aquela que mais se adapta às diretrizes que conduzem o homem a uma compreensão, interpretação e transformação de mundo. (BLOCH, Ernst. *Sujeito-Objeto, El pensamiento de Hegel*. Trad. Wenceslao Roces, José Maria Ripalda, Guilherme Hirata, Justo Pérez del Corral. México: Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 428).

28 JOST, Toni. *Die Figur des Messias im Denken Ernst Blochs*. GRIN/Verlag für akademische texte, 2007, p. 5.

29 Segundo Aristóteles, a essência da alma; ponto de perfeição. “A enteléquia do ser está na alma”. É necessário entender que a alma é substância como forma de um corpo natural, isto é, que tem a vida em potência. Isso significa dizer que a substância como forma é enteléquia, ou seja, igual a “ato”. A alma, portanto, é enteléquia, tal como corpo natural. (ARISTÓTELES. *De Anima*. B 1, 412 a 19-21. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006, pp. 24-25. In: REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: II Platão e Aristóteles*. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz & Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994. p. 387.). Contudo, para Bloch, na mesma proporção, o protófenômeno presente em cada enteléquia jamais esteve desprovido da ação formadora e transformadora, a forma pré-moldada não é nenhuma múmia. (BLOCH, Ernst. *O princípio*

sentido só é explicitado pela força da transcendência, pelo desejo de projetar, flagrado por novos conteúdos reais, resultantes de um modo sistêmico aberto<sup>27</sup> das determinações materiais, as quais, por sua vez, estão inseridas num mundo em contínua experimentação (*experimentum mundi*). Essa afirmação indica que no possível se oculta uma latência – forma potencial constituída em múltiplas possibilidades na diversidade do mundo. Então, significa que “pensar um *pode-ser* (*Kannsein*) não é obviedade, uma vez que a matéria permanece em um processo aberto”.<sup>28</sup> Por isso, afirma Jost, “a presença de uma enteléquia<sup>29</sup> imanente na matéria que tem tendência de autoprodução para determinados fins<sup>30</sup> “ainda se apresenta como algo desconhecido, isto é, uma demonstração de que não foram abarcados em sua totalidade”<sup>31</sup>.

## *A aurora que se anuncia: o sonhar para frente, a função utópica e a capacidade imaginativa*

### *O sonhar para frente*

O novo só pode emergir pela práxis, aquilo que tem o atributo de surpreender, instaurar e retificar o modo revolucionário tão sonhado, aspirado, requerido como condição fomentadora de uma sociedade melhor em razão de uma autêntica esperança. Segundo o pensamento blochiano, essa esperança é o ego que devaneia projetando de maneira futura e mobilizadora da práxis revolucionária factível. Desse modo, a “utopia é, em primeiro lugar, um *topos*<sup>32</sup> da atividade humana orientada para um futuro, um *topos* da consciência antecipadora e a força ativa dos sonhos diurnos”<sup>33</sup>.

Há na práxis blochiana um aspecto criador e reconfigurador da realidade histórica, animada pela associação entre sonhos utópicos diurnos e engajamento militante e reflexivo em vias de externar-se, com a finalidade de uma composição transformadora no mundo, desde a visão marxiana do homem como produto de si, capaz de produtividade autoprodutora.

Levando em conta que o sonhar acordado é a base antropológica das concreções utópicas, esse sonho desperto difere de maneira qualitativa do sonho noturno, de caráter regressivo, pois perpassa toda a argumentação inconstruível da singularidade humana, iniciando com o instante no qual nos encontramos ainda dispersos e imersos no obscuro do instante vivido, “*das Dunkel des gelebten Augenblickes*”,<sup>34</sup> envolvidos

numa penumbra que provoca angústia, tédio, afetos indefinidos, atos irracionais e desconcentrados, pois ainda não se tem o que deseja, isto é, “diariamente não se vil-sombra o amanhã”, que gradativamente se esvai ao enxergar que a vida poderia ser necessariamente diferente do que se apresenta.<sup>35</sup>

### A função utópica

A história da humanidade guarda em si conteúdos que ainda permacecem ativos, porém não desdobrados em sua totalidade<sup>36</sup>, como é o caso de *Heimat*<sup>37</sup>, e que permanecem como fragmentos de um novo conhecimento, que não se manifestou completamente e que não pode ser considerado objetivamente novo em sua totalidade. Assim, “o ainda-não-consciente” tem como substrato os sonhos diurnos, os sonhos refletidos de um *não-aí* (*wo nicht*)<sup>38</sup>, por meio dos quais os seres humanos elaboram suas faltas, suas necessidades e anseios não realizados. O “ainda-não-consciente” (*noch-nicht-bewussten*) é de suma importância, pois constitui uma espécie de extensão essencial da consciência antecipadora, o que Bloch denomina de manifestação refletida, cuja intenção é ir além da realidade imperfeita. Essa superação da inautenticidade arquitetada-se por um consciente-ciente, o indicador de um advento autêntico, isto é, uma intenção expectante – que age dialeticamente para superação do meramente existente.<sup>39</sup> O pensamento de Bloch “constitui um delinear que explicita a importância da função utópica – que difere do que é mero fantasiar – da ação utópica concreta para realização do *novum*.”<sup>40</sup> Esse conteúdo ativo está na qualidade de consciente esclarecido, que, por sua vez, é evocado primeiramente “pelas representações e depois investiga os juízos concretos.”<sup>41</sup>

E uma vez que os conteúdos tenham participação ativa no avançar do processo histórico, é necessário a demarcação do futuro por vias de uma elaboração da matéria utópica, o efeito continuado da herança cultural humana e principalmente a atividade do consciente-ciente. É justamente essa energia ativa da função utópica que se faz presente na consciência antecipadora. Em vista disso, diz Bloch, toda grande cultura progressiva (*vergangenen Kultur*) é a iluminação antecipatória de uma vitória, quer dizer, a edificação de ideais sobre os cumes do tempo com longo alcance visual.<sup>42</sup> Consequentemente, a função utópica e a herança cultural no pensamento blochiano representam um *locus* de suma importância, pois, ao longo da história da humanidade, foram acolhidas partes dos signos cifrados dos realismos possíveis, assim como os excedentes utópicos que refletiram e ainda refletem os anseios do “ainda-não-realizado”<sup>43</sup>.

*esperança*. V. 3. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2009, p. 67).

30 JOST, Toni. *Die Figur des Messias im Denken Ernst Blochs*. GRIN/Verlag für akademische texte, 2007, p. 5.

31 O pensamento utópico concreto blochiano entende que o processo aberto tem a pretensão de portar-se efetivamente diante dos processos materiais. Isso ocorre devido a sua exposição às indeterminações de um *devir*, que é própria ao mundo, ou seja, seguiria uma dinâmica própria, sob os princípios de uma *natura naturans*. Bloch quer que a realidade da matéria se apoie no seu caráter adveniente; que a matéria, tal como se deduz de sua definição, esteja ligada com a utopia. (BLOCH apud ALBORNOZ, Suzana. *Ética e Utopia – Ensaio sobre Ernst Bloch*. 2. Ed. Porto Alegre/RS: Editora Movimento & EDUNISC, 2006, p. 50).

32 *Ibidem*.

33 *Ibidem*.

34 BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie - (1918) - Band 1*. Frankfurt M., Suhrkamp, 1985, p. 336.

35 BLOCH, Ernst. *Princípio esperança*. V. 1. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Editora UERJ/Contraponto, 2005, p. 50.

36 *Ibidem*.

37 *Ibidem*.

38 BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie - (1918)*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 45.

## A capacidade utópica

39 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung- Band 1*. Frankfurt M: Suhrkamp, 1985, p. 86.

40 *Ibidem*, 1985, p. 14-15

41 *Ibidem*.

42 *Ibidem*, 1985, p. 155-156.

43 *Ibidem*.

44 JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma: Teorias dialéticas da literatura no séc XX*. Cap. III Ernst Bloch e o Futuro. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 95-125.

Segundo Jameson, esse modo peculiar de interpretar do pensamento blochiano,

traz conjuntamente o termo *Einbildungskraft* – potência imaginativa – o elemento da capacidade antecipatória, (aquilo que antecipa o ainda não existente, o motor que aquece as esperanças e as transforma em sonhos) – fator intrínseco ao trabalho humano que determina de antemão o processo de produção e transformação do mundo – impulsionado “interesse revolucionário”, próprio dos afetos expectantes, ou seja, aquilo que sobrepõe a angústia e ao medo e, portanto, aponta para um advento aberto, autêntico, cujo horizonte amplia-se, tornando-o cada vez mais evidente, pois visam menos um objeto específico como fetiche de sua vontade do que a própria configuração do mundo em geral ou (o que resulta no mesmo) a constituição futura do eu.<sup>44</sup>

É justamente a capacidade de reagir diante das interpelações e imposições da realidade, salienta Bloch, que o aspecto paranoico e saudável dos sonhos diurnos, por meio das projeções utópicas, também almejam contra os males da realidade, a melhoria deste mundo. Talvez seja esse o motivo de tantos insanos e sonhadores, e pelo menos alguns, entre os grandes utopistas:

Quase toda utopia, seja médica, social ou técnica, tem características paranoicas. Para cada autêntico pioneiro, há centenas de fantasiosos, irrealistas e loucos. Se fosse possível pescar alucinações que nadam na aura dos manicômios, seriam encontradas as prefigurações mais admiráveis da paranoia. E entre estas não se encontra nenhum símbolo noturno latente [...], e sim novas composições, transformações do mundo, projetos que avançam; em suma, corujas de fogo de uma Minerva Louca, mas cheia de vontade de luzir a aurora.<sup>45</sup>

Assim, observa Bloch que, por meio de um processo complexo de mediações, alcança-se as grandes objetivações, “o bem supremo”, “o novo” – “a certeza, de um mundo necessariamente inacabado”<sup>46</sup>. Portanto, o sonho desperto não pode ser um prelúdio do sonho noturno, nem tampouco uma redução desse sonho<sup>47</sup>. Logo, não necessita de qualquer interpretação ou escavação, mas de correção, na medida em que esteja capacitado para ir até o fim de sua própria concretização<sup>48</sup>. Indubitavelmente o sonho tem a tendência temporal e, com isso, anuncia o possível dentro da história, cuja novidade é histórica.

O fato de as ideias imaginativas serem a extensão “de uma forma antecipadora, afetiva expectante, materialmente existente nas possibilidades futuras de ser diferente”<sup>49</sup> caracteriza a imaginação como uma qualidade peculiar de dirigir a ação, diferentemente

45 BLOCH, Ernst. *O Princípio esperança*. V. 1. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Editora UERJ/Contraponto, 2005, p. 88.

46 *Ibidem*.

47 *Ibidem*, p. 88-89.

48 *Ibidem*, p. 100.

49 *Ibidem*.

de fantasiar ou buscar uma mera lembrança. Esse ato criativo (qualitativo e ontológico) do desdobramento da verdade é realista, “carregado de esperança”, “plenamente sintonizado à verdadeira possibilidade objetiva e, conseqüentemente, às propriedades da realidade que são próprias do caráter utópico e que, dessa forma, tem essencialmente futuro”<sup>50</sup>. Entende-se, segundo Bloch, que a imaginação é a superação e a desativação entre devaneios e realidade<sup>51</sup>. Os desejos, sonhos e anseios são dados pelas escolhas feitas conscientemente – os desejos humanos que procuram ser cumpridos. O que certamente se pode afirmar é que a esperança é participativa: “sonhar acordado”<sup>52</sup>. Além disso, escolher aquilo que se deseja implica uma crítica da realidade presente: uma expressão da aspiração utópica. Para Bloch, a ação, em termos marxistas, o processo do trabalho consiste em materializações e projeções objetivas das concretizações imaginativas,<sup>53</sup> significa dizer que é possível responder às circunstâncias e sustentar o trabalho de mudar o mundo, mesmo nas condições mais adversas. Sendo assim, a esperança jamais se desvia por algo que é efêmero, mas circula como espiral fulcral entre os “sonhos expectantes dos homens”, impulsionados por ações no presente que antecipam o futuro<sup>54</sup>.

Esse rigor apodítico blochiano sobre capacidade imaginativa orientada para o futuro não se esgota em sua potência de negar a realidade perceptível, pois sua negação é fonte profunda de um sentimento de liberdade, o que define que esse poder produtivo serve para prospectar e explorar o possível desenvolvido e realizável. Também significa dizer que a expressão real esconde o possível, cabendo à consciência imaginativa e antecipadora descobrir o que está parcialmente velado.

## *O messianismo revolucinário de Ernst Bloch*

Na luta contra a desumanização, Bloch enxerga a ilusão causada pelo estranho monstro (o capital), cujo frenesi embriaga e distancia o humano dos referenciais da vida. O que vemos é um alerta incessante sobre algo que culmina na total anulação, turvação e desvios do humano (triumfo da aparência enganosa). Seu pensamento reconstrói o processo responsável por destruir a imaginação (*Phantasie*), chegando, assim, nas pretensões do tecnicismo moderno que tem por estandarte a máquina, produto da capacidade inventiva do capital, cuja finalidade última não é facilitar a produção e o desenvolvimento humano, mas, sim, a produção massificadora de um lucro maior. Aquilo que veio para cumprir as leis vigentes da “totalidade totalizada”, mesmo que

50 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung - Band 1*. Frankfurt M., Suhrkamp, 1985, p. 145.

51 O devaneio é formado conscientemente, isto é, está “ao nosso alcance”. (BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung - Band 1*, Frankfurt M., Suhrkamp, 1985, p. 87-88; p. 86-113).

52 BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie - (1923)*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 3; p. 105.

53 *Ibidem*.

54 BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie - (1918)*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 58; p. 62.

essas ações se justifiquem em uma causa última, geradora de opressão e extermínio em massa. Segundo Münster, o mal para Bloch não consiste na determinação, mas na negação (na eliminação) humana<sup>55</sup>. O filósofo da esperança denomina esse espectro malévolo como antiprincípio, o estorvo harmônico, a eguidade perniciososa, a inevitável ganância bestial, o fator gerador da morte – o não Eu<sup>56</sup>.

“A morte é o mais duro golpe contra a utopia.[...] A morte é o não-eu, estranho absoluto, o irracional da razão de cada civilização, o estranho e incompreendido. [...] Para que o esforço da nossa existência se morremos completamente, vamos para a cova e, em última instância, não nos resta nada? [...] O túmulo, a escuridão, a putrefação, os vermes têm e tiveram sempre o que não é reprimido, uma espécie de poder retroativo desvalorizante.”<sup>57</sup>

<sup>57</sup> BLOCH. Ernst. *Geist der Utopie* (1918). Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 67.

O fruto da produção mecanicista que, segundo Bloch, é a ausência de potência vital e sub-humana (*untermenschlich*)<sup>58</sup>. Essa paixão antimoderna jovial do pensamento blochiano não aceita tal vislumbre da arquitetônica sofisticada da força estrutural ideológica mecanicista, que mata a felicidade da velha perfeição. O cenário, cujo referencial era a lentidão e a devoção, desaparece sem deixar rastros, contudo, existe a expectativa de que, em breve, seja superado o desvio aberrante capitalista. Sobre esse aspecto Bloch diz:

[...] o campesinato e o artesanato serão restabelecidos: o mundo por vir assistirá ao surgimento de uma nova humanidade de caráter campestre, piedosa e cavalheiresca. (Tradução nossa).<sup>59</sup>

<sup>59</sup> Em *Geist der Utopie* (1918), Bloch ainda acredita que é possível resistir às acelerações da técnica que torna de maneira sagaz tudo obsoleto. (*Ibidem.*)

Em linhas gerais, a transposição para o futuro na consciência messiânica de tantas classes e povos oprimidos se arquitetaria no materialismo histórico, ou melhor, aquele considerado por Bloch como a única Filosofia capaz de ter a percepção da figura messiânica do devir, a figura futuresca caracterizada pelo radicalmente novo (*Novum*), considerado bom, mas nunca inteiramente novo, cujo efeito extrapola os sonhos diurnos que perpassam a vida humana pela busca da pátria autêntica. Segundo o pensamento blochiano, os homens não encontraram seu verdadeiro lar em um mundo regido pelo capital. Sendo necessária a ideia de advento que está porvir (*Zukunft*), mas que também está em curso (*An-Kunft*), isto é, que ainda não está sob total alcance, configurando-se em algo que está em via de formação, constituído na luta dialético-materialista do novo com o velho.<sup>60</sup> Também se deve notar que o pensa-

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 702.

mento de Bloch em *Geist der Utopie -1918* tem, em muitos aspectos, mais em comum com as tradições anarquista e cooperativista dos primeiros socialistas utópicos que com as intenções marxistas-leninistas de tomada do Estado por meio da ditadura do proletariado. Esse “idealismo socialista” termina com a seguinte visão apocalíptica de *BaalShem*:

[...] O Messias só poderá vir quando todos os convidados estiverem sentados à mesa; essa mesa é, antes de mais nada, a mesa do trabalho, para além do trabalho, mas, ao mesmo tempo, a dedução de uma atuação metafísica direta e imediata, a mesa do mistério do reino.<sup>61</sup>

Algo totalmente ambivalente: um Reino que é metafísico, mas também materialmente histórico, pois se organiza na terra dos homens.<sup>62</sup> Essa dimensão futuresca da história é proclamada por meio das utopias sociais de felicidade com realizações no âmbito democrático e da dignidade da pessoa humana, que são utopias concretas parciais, extraídas de uma utopia total, entendendo-se que todo experimento do presente está em conexão com o vindouro. Essas projeções de outrora também trazem em seus pressupostos o ateísmo, sem o qual, no ponto de vista de Bloch, segundo Viana<sup>63</sup>, o messianismo não teria lugar.<sup>64</sup>

O pensamento blochiano considerou que esse signo para frente é que impulsiona o ser humano a ultrapassar, sustentado pelo desejo e aquilo que se deseja, não por uma espécie de trotar para trás. A esperança messiânica como elemento futuresco no pensamento blochiano não seria a luz crepuscular hegeliana, mas a direção que ensina os homens a enxergar além do espectro visível, cuja peculiaridade detetivesca em encontrar fragmentos terá em vista a aurora.

## O modelo do *tikkun* (תיקון) judaico

No melhor do pensamento libertário, encontra-se a combinação entre restauração e utopia: a descrição blochiana de uma messianidade que brilha como *Shechinah* (שכינה)<sup>65</sup> trazendo consolo e esperança, que coabita entre os homens, já que ainda não foi ensamblada num todo orgânico – a busca intensa antiestatista e anti-hegemônica de uma reparação do *tikkun* (תיקון).<sup>66</sup> O homem deve aprender a encarar a necessidade da perda. Esse restabelecimento harmônico é ruptura radical que fragmenta a tendência egoica. Portanto, o *tikkun* (תיקון) tão seria caminho que leva ao fim das coisas como

61 [...] der Messias kommen kann, wenn sich alle Gäste an den Tisch gesetzt haben; dieser aber ist zunächst der Tisch der Arbeit und dann erst der Tisch des Herrn— die Organisation der Erde besitzt im Geheimnis des Reichs ihre unmittelbar einwirkende, unmittelbar deduzierende Metaphysik. BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie* (1918). Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 411.

62 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung-Band 3*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 703.

63 Na pesquisa de doutoramento, Francisco Antonio Marques Viana ressalta a importância de Bloch ter ido buscar nos manuscritos sagrados da tradição judaica, na qual partilhava a maneira buberiana, o sentimento de que a redenção viria da ação humana. (VIANA, Francisco Antonio Marques. *A utopia concreta e o ainda-não-consciente na obra de Ernst Bloch*. 2015. 310.f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 231.

64 BLOCH, Ernst. O princípio esperança. V. 2. Tradução de Werner Fuchs. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2006, p. 283. . BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung. Band. 2*, Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 518.

65 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung-Band 3*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 811-812; BLOCH, Ernst. Princípio Esperança. V.3. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ & Contraponto, 2006, p. 320-321.

66 *Ibidem.* também a gênese: a restauração harmoniosa do defeito, da ordem ideal, a restituição

67 Segundo Alan Unterman, Isaac Lúria ensinava que, durante a emanação do mundo, a partir de Deus e por meio das Sefirot, alguns vasos que retinham a luz divina se quebraram, e centelhas de luz ficaram aprisionadas nos pedaços quebrados. Era missão do homem - Ad'han (אד'חן) libertar essas centelhas aprisionadas, para que pudessem retornar a sua fonte, o indeterminado  $\aleph$  (YHWH). Quando essa atividade de reparar o mundo - *tikkun* (תיקון) estiver terminada, o Messias virá. (UNTERMAN, Alan. *The Kabbalistic Tradition – An Anthology of Jewish Mysticism*. New York: Penguin, 2008, p. 50.).

68 FURTER, Pierre. *Dialética da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1974, p. 174.

69 *Ibidem.*

70 A metarreligião blochiana citada por Furter como uma teoria da salvação (*Heilstheorie*). Na realidade, ela é a forma mais pura e mais lógica do ateísmo, da afirmação humana sem Deus (e não contra Deus), (FURTER, Pierre. *Dialética da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1974, p. 175). BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung-Band 3*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 838-839 ; BLOCH, Ernst. *Princípio Esperança*. V. 3. Tradução de Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ & Contraponto, 2006, p. 374.

e reintegração do todo original. Ad'han (אד'חן), no qual se concentra toda a substância da alma de toda humanidade, por meio de sua meditação e ação, seria incumbido de restituir as centelhas caídas no seu devido lugar.<sup>67</sup> Ao final desse cenário do drama humano, pode-se traçar paralelismos evidenciados entre a Filosofia da Esperança e a Mística Judaica. Como indica Furter, Deus -  $\aleph$  (YHWH), no sentido utópico, nada mais seria que o ideal ainda desconhecido do homem, a identidade ainda não realizada: a revelação que depende da ação humana<sup>68</sup>. Na medida em que se afirma a compreensão do conceito de homem, também será possível afirmar o que é o sagrado – Deus –  $\aleph$  (YHWH)<sup>69</sup>. Nas palavras do “*Mago de Tübingen*”, a verdade do ideal de Deus constitui-se unicamente pela utopia do reino, o pressuposto para que não permaneça nenhum Deus nas alturas, já que, de qualquer modo, não há nenhum lá e nunca houve<sup>70</sup>. Esse processo libertário do êxodo torna-se correlato de uma humanidade submersa em seu instante perfeito (*nunc stans*) e parcialmente revelado no *summum bonum*, a promessa de um bem supremo, que constitui uma unidade de virtude e felicidade, prenúncio de um reino ético e físico, que indica sinais de um Reino de Deus na terra<sup>71</sup>.

A veracidade da gênese não se situa no início de algo, mas no fim, e ela indicará suas ações quando a sociedade e a existência se tornarem essencialmente radicais, quando apreenderem, pela raiz, a derrocada deste mundo presente e o irrompimento de um novo lugar<sup>72</sup>. Quando o humano tiver apreendido a si e ao que é seu sem alienação, “surgirá no mundo algo que brilha para todos e um lugar onde ninguém esteve ainda: a figura transfigurada e o lugar da única esfera completamente inteligível.”<sup>73</sup> O advento messiânico que surgiu no mundo “por meio da *Schevirá* dará lugar ao ser genérico comunal (*Gemeinwesen*) que instaurará a supressão da mácula, do desaparecimento do mal.”<sup>74</sup>

## A questão Marx no pensamento de Ernst Bloch

A afirmação elucidativa de Bloch, na obra *Über Karl Marx*,<sup>75</sup> o Kiddush haschem judaico é o anseio de regressar à pátria no exílio do mundo, cuja força possível do *eschaton* estaria em Marx<sup>76</sup>, que muda o curso da história para trazer uma consciência tal que os homens se levantem de maneira ereta novamente.<sup>77</sup> Isso nos conduz a dizer que ler Marx é, sem dúvida, aventurar-se a ir além, sem que necessariamente vislumbre todas

as saídas. Assim, o esforço de Bloch de construir, por meio da “força utópica, projeções concretas resgata a imagem de uma humanidade mutilada e reprimida.”<sup>78</sup> Esse esforço blochiano recupera do mundo subterrâneo os desejos, devaneios, esperanças de uma vida melhor e, principalmente, de um passado historicamente insatisfatório que insita projeções advenientes.

É de maneira magna que o Filósofo da Esperança entende que a história humana não se constrói apenas com fatos anônimos ou com pequenos acontecimentos, mas se faz também do inovador, do impossível e inacreditável. Na busca intensa pela novidade revolucionária, o pensamento utópico blochiano entende que nada adianta se o desejo não for enfático. A revolução é obra do “eu coletivo” da classe trabalhadora, isto é, não basta descrever a realidade dada; é necessário pensar no que se deseja e no que é possível. Nessa mesma perspectiva, a afirmação blochiana de um sonhar consciente, impulsionado pela escatológica, (aquela que desloca o rumo da história) não é apenas uma característica básica da consciência humana, mas concretamente apreendível, uma “determinação básica dentro da realidade objetiva como um todo.”<sup>79</sup> Tomando os sonhos sociais fora do âmbito puramente inconsciente, Bloch sugere que o sonho social não existe no inconsciente, mas, sim, na “realidade objetiva” e está esperando para ser compreendido. Por isso, a utopia nasce de uma espécie de fissura, ou seja, de um momento de ruptura devido à crise da verdade oficial e institucionalizada.<sup>80</sup> Sendo assim, trata-se de ir além das reduções e da estrutura das necessidades instintivas dos homens que demonstram sua estrutura material, graças à familiaridade operatória que cria possibilidades – o que os velhos utopistas denominaram de *hominis regnum*, um mundo para os seres humanos. Essa interpretação entende que a forma objetiva na Filosofia de Marx é o homem como parte do mundo e no mundo.<sup>81</sup>

Na leitura interpretativa de Bloch, a genialidade de Marx está na maneira como arquitetou a derrubada de todas as relações nas quais inserem a humanidade em processo de humilhação e subjugação. Em Marx, surge uma determinação vital para transformação, um novo sujeito histórico, um processo categórico que irrompe da interpretação dos meios de produção capitalista.<sup>82</sup> O mundo está cheio de cifras reais e símbolos reais, repleto de *signatura rerum* em termos de coisas que abrigam o significado em seu núcleo.<sup>83</sup> Em sua significância, a realidade sugere sua tendência e latência de sentido, que posteriormente acolherá totalmente a vida humana em todas as suas questões. A travessia

71 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung-Band 3*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 853-854; BLOCH, Ernst. *Princípio Esperança*. V. 3. Tradução de Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ & Contraponto, 2006, p. 405.

72 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung-Band 3*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 864; BLOCH, Ernst. *Princípio Esperança*. V. 3. Tradução de Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ & Contraponto, 2006, p. 426.

73 *Ibidem*.

74 BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie (1918)*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 48.

75 BLOCH, Ernst. *Über Marx*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1968, p. 18.

76 BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie (1923)*. Frankfurt: Suhrkamp, 1985, p. 347.

77 GEOGHEGAN, Vicent. *Ernst Bloch*. London: First Published, 1996, p. 2.

78 BLOCH, Ernst. *Über Marx*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1968, p. 11.

79 LÖWY, Michel. *Redenção e Utopia*. O judaísmo libertário na Europa Central. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 113.

80 BLOCH, Ernst. *Über Karl Marx*. Frankfurt: Suhrkamp, 1968, p. 139.

81 *Ibidem*. p. 144.

82 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung. Band. 1*. 1985, p. 426.

83 *Ibidem*, p. 174.

- 84 BLOCH, Ernst. *La Philosophie de la Renaissance*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1972, p. 5; BLOCH, Ernst. *Vorlesungen zur Philosophie der Renaissance*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1972, p. 7.
- 85 *Ibidem*.
- 86 *Ibidem*, 1972, p. 6-8.
- 87 *Ibidem*.
- 88 A expressão capitalismo como religião foi mencionada pela primeira vez por Ernst Bloch em sua obra *Thomas Münzer als Theologe der Revolution*, o que explica a grande influência da obra de Bloch, no fragmento “O capitalismo como religião”, redigido por Walter Benjamin, em 1921, e publicado pela Editora Boitempo em 2013. (BLOCH, Ernst. *Thomas Münzer teólogo de la revolucion*. Madrid: Ciencia Nueva, 1968, p. 151).
- 89 *Ibidem*.
- 90 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung. Band. 1*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 18.
- 91 A citação das leis do comércio como sendo também as leis de Deus. (MARX, Karl. *El Capital-Crítica de la Economía Política*. V.1. México: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 646).
- 92 *Ibidem*.
- 93 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung. Band. 1*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 173. BLOCH, Ernst. *Princípio Esperança*. V. 1. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2005, p. 235.
- 94 *Ibidem*.
- blochiana indica que isso tenha sua origem com a ascensão do novo cenário mercantil (o florescimento do capitalismo primitivo: *homo faber*, o ardor do sentimento expansionista).<sup>84</sup> A atividade é a nova palavra de ordem para o novo homem que trabalha e não tem vergonha de tal feito, pois pensa que isso não deprecia sua imagem. O elemento proibido, degradante e vergonhoso atribuído pela nobreza ressurgiu com outra conotação, com o nascimento do *homo faber*, que transforma o mundo, mas ainda não tem plena consciência das mudanças que o afetam na totalidade. O novo mundo que nasce da quebra dos grilhões medievais traz uma novidade – aquilo que Friedrich Engels descreveu:
- [...] a renascença traz consigo as progressivas revoltas das mais importantes que este mundo já conheceu. A fala do arquiteto Alberti, ao discernir seu tempo, utilizou-se de uma fórmula simples, mas significativa: O homem foi criado para agir. Sabendo dividir as coisas com o seu espírito e com a sua inteligência, entende como compor com perfeição. No decurso do trabalho em construção, todos os materiais, que pelo movimento das massas e pela reunião e pelo encaixe dos corpos, podem servir de forma eficaz e digna de suas necessidades.”<sup>85</sup>
- As iluminações de Bloch demonstram que a utilidade inscreve-se na secularidade renascentista que persiste até a fé burguesa calvinista – o milagre da ciência desenvolvida pelas mentes que contemplam o prazer da vida.<sup>86</sup> O olhar individual do *homo faber* descobre na ciência uma espécie de grito que sobe da alma. A técnica força o que anteriormente fora ignorado e que, no renascimento, surge como liberdade, ou seja, o momento da descoberta de novos meios de produção.<sup>87</sup> O capitalismo surge como religião, a igreja de Mamom, e o trabalho é única ação de gratidão a Deus.<sup>88</sup> Assim, a moral laboral de um Deus institui a única finalidade da justificação: a transformação do mundo pelo trabalho.<sup>89</sup> O reino da liberdade pode ser privado de possibilidade ou até mesmo considerado uma mera inexistência.<sup>90</sup> Essa amplitude da consciência da liberdade não acompanhou, na mesma proporção, o aumento da felicidade humana, o que também Marx constatou: “O capitalismo vem ao mundo, jorrando sangue e lodo por todos os poros, dos pés à cabeça.”<sup>91</sup> “O pobre trabalhador tem sua liberdade como produto artificial da história moderna.”<sup>92</sup> No entanto, o processo conseguinte se encontra na esperança e no pressentimento, objetivo do ainda não acontecido (*Noch-Nicht-Gewordenen*), aquilo que vive (*Was Lebt*), nasce movendo-se e por si.<sup>93</sup> Assim, o humano passa a ser transformado por toda a história em curso, desenvolvendo-se dentro de uma precisão cada vez maior.<sup>94</sup> Esse ser ereto em que reside uma disposição de não se

dobrar a ninguém, forja ele mesmo pela história suas revoluções cada vez mais concretas, reiteradamente transformado e qualificado em rumo ao reino da liberdade.<sup>95</sup>

O possível real, como disposição para seu real, não só mantém em movimento, mas comporta-se também de modo essencial em relação à realidade já existente, sendo o *totum* definitivo dessa disposição, que continuará a desenvolver-se cada vez mais.<sup>96</sup>

A consciência adveniente é potenciação, e o Eu corpo (*Körper Ich*) rebela-se e não procura alimento pelos velhos caminhos. Esse interesse começa pela mola propulsora, força incessante, como causa eficiente para além de si, aquilo que intensifica o crescimento das capacidades e estimula a imaginação para que ela se torne capacidade inventiva prática. A Bloch interessa escrutinar que a interpretação metafórica que ele chamou de “fome”<sup>97</sup> possibilita entender que a forma simbólica perpassa e constitui o bojo de todos os desejos humanos denominado *appetitus*. Este será, por sua vez, experimentado em duas perspectivas distintas dos afetos: a dos plenificados, que diz respeito à intenção pulsional de curto alcance, isto é, quando o objeto estaria disponível, e o expectante, que se refere àqueles sentimentos pulsionais de longo alcance, determinados pelos aspectos temporais e, especificamente, voltados para o futuro. Portanto, aquele que sonha não se sacia facilmente, e isso impede de acostumar-se com a privação.<sup>98</sup> A assimilação, tanto do marxismo como do utopismo, parte de um ser humano em formação: com desejos, necessidades e anseios. Tanto o pensamento utópico como o marxista supõem que uma identidade entre sujeito e objeto pode ser alcançada pelo processo histórico. Esse marxismo de Bloch desenvolve-se mediante a análise de diversos estratos do possível e atenta-se para diferenciar as modalidades psico-subjetivas e as reais-objetivas, assim como também para correlacioná-las. Segundo Bicca, a maneira como Bloch atrela o conceito de possível à condição insere a história da humanidade em um processo dialético cujo principal significado é escatológico<sup>99</sup>:

[...] o sentido mais elevado, isto é, como meta superior da história e – por causa da ampliação especulativa por Bloch da teleologia, vista por Marx simplesmente como social – da matéria em processo, o novo é igualmente, o fim. Esse novo absoluto, no final da “pré-história da humanidade”, não indica um retorno de algo “que já existira”, do “bom início perdido”, e, sim, de algo que jamais esteve presente e que é associado à ideia de uma humanização da natureza/naturalização do homem nos manuscritos parisienses de Marx.<sup>100</sup>

95 *Ibidem*.

96 *Ibidem*.

97 Segundo Martin Jay, a palavra “fome” deve ser entendida como a extensão de uma falta mais ampla, uma referência ao *ainda não*. (JAY, Martin. *Marxism and Totality: The Adventures of a Concept from Lukacs to Habermas*. Berkeley/Los Angeles: UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 1984, p. 192). Nas palavras de Bloch, a fome não tem como não se renovar constantemente. Esta cresce ininterruptamente, não sendo satisfeita pelo pão assegurado, e, nesse caso, ela revoluciona. O corpo-eu rebela-se, não vai mais a busca de alimento apenas nos moldes antigos: este procura modificar a situação de negação – o estômago vazio e o semblante cabisbaixo. Este categoricamente diz “não” a sua condição caótica instaurada em sua existência, e afirma o sim, em busca de algo que lhe impulse ao melhor em suspenso, são acolhidos pelos carentes no interesse revolucionário. Em todo caso, é com a fome que esse interesse inicia-se, e a fome se transforma, como algo instituído em uma força explosiva contra o cárcere da privação. (BLOCH. Ernst, *O Princípio Esperança*. Vol. I.: Tradução de Nélcio Schneider Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2005, p. 78).

98 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung. Band. 1*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 17.

99 BICCA, Luiz. *Marxismo e Liberdade*. Tradução de Vania Sampaio. São Paulo: Loyola, 1987, p. 32.

100 *Ibidem*.

Os seres humanos podem alcançar a utopia, o reino da liberdade e a verdadeira realização dos direitos humanos trabalhando humanamente, conscientemente e cheios de esperança dentro da dialética material e em consonância com as tendências existentes, o que requer o reconhecimento também (além dos fatores objetivos) dos fatores subjetivos. Uma vez reconhecidas essas condições, oferece-se a possibilidade de compreender o processo histórico e de modificá-lo por uma prática humana comunitária.<sup>101</sup> “A práxis real não pode dar nenhum passo antes de lembrar que o futuro possível inscreve-se na história com o imperativo categórico: “a vida” que ainda não é totalmente. A esperança é aquela que tem a função utópica, sendo a única com capacidade de transcender e ser imanente.”<sup>102</sup>

<sup>101</sup> BLOCH, Ernst. O Princípio Esperança. Vol. I. Rio de Janeiro: Contraponto & UERJ, 2005, p. 146.

<sup>102</sup> BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie* (1923). Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985, p. 105.

<sup>103</sup> BLOCH, Ernst. O Princípio Esperança. Vol. I. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto & UERJ, 2005, p. 145

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 146.

<sup>105</sup> *Ibidem*, 2005, p. 117.

<sup>106</sup> BLOCH, Ernst. O Princípio Esperança. V.I. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto & UERJ, 2005, p. 19.

Desde Marx, segundo Bloch, deve-se entender o devir como algo metodicamente aberto, o *novum* que não pode ser caracterizado meramente como corpo estranho.<sup>103</sup> A Filosofia e suas temáticas situam-se, desde então, unicamente sobre o *topos* de um campo do devir inconcluso e fundamentado na consciência que reflete e intervém no mundo do ciente. Isso justamente por elevar o socialismo do status de utopia ao de uma ciência.<sup>104</sup> A partir daí, o filósofo evidencia a importância do *futurum* para o materialismo histórico, como *conditio sine qua non* para a transformação concreta do mundo. Nessa esteira elucidativa, a contribuição blochiana dimensiona o caráter utópico em dois sentidos distintos: a abstrata constituída de projeções intangíveis (*immaterielle Projektionen*), e a concreta (*wishful thinking*), aquela que impulsiona a possível concretização, inserindo-a em uma marcha que configura a noção de processo, a construção e transformação, diferindo-se do conceito de perfectibilidade. Isso não imputa à utopia, segundo a corrente iconoclasta na qual Bloch é representante, a difícil capacidade de imaginar um futuro detalhado ou até mesmo de entender que o cenário nem sempre tem final feliz. Essa antecipação imagética de uma vida melhor são assentadas em análises sobre uma determinada realidade histórica, possível ou não, e expressam o conteúdo inscrito no “ainda-não-consciente”, algo que desprende-se do antigo para inclinar-se ao novo, ao alvorecer.<sup>105</sup> Desse modo, as divisões entre passado e futuro por si só desabam, a figura futuresca em Bloch não veio a se tornar perceptível no passado, sendo o passado vingado, herdado, mediado e plenificado, tornando-se visível no futuro.<sup>106</sup>

## Considerações finais

Em Bloch, torna-se fundamental a busca pela reconciliação humana com a natureza, principalmente no sentido mais pertinente, ou seja, falar de *Wendzeit*, o que significa um amplo tempo de mudança. Seguindo as sendas luminosas dessa dialética encarnada no desespero do século XX, no qual irmana-se e filia-se, entende-se o possível como algo radical utópico diante de um cenário caótico. Esses ideais têm como conteúdo principal o possível, realizado em maior ou menor grau, de uma busca da existência humana perfeita, de relações sociais mais perfeitas, sempre como modelo norteador. Segundo Zeilinger em seu artigo – “*Natur und Zukunft Zu einem Kerngedanken der Philosophie Ernst Blochs*” (A Natureza e o Futuro como ideia central da Filosofia de Ernst Bloch), a ontologia do “ainda-não-ser” resgata a ideia de uma reconciliação entre o homem e a natureza, um indicador já presente no jovem Marx em seu *dictum* a “humanização da natureza” e a “naturalização do homem”, dos Manuscritos Econômico-Filosóficos. Uma primordial observação é que Bloch analisou em Marx um processo duplice, que tem como resultado tanto a objetivação das faculdades do indivíduo quanto a “humanização da natureza”.<sup>107</sup> Percebe-se que para Bloch, os pressupostos em Marx de superação da alienação concebem-se por meio das “forças essenciais” físicas do sujeito histórico, que abarcam potencialmente a totalidade das “forças essenciais” da sociedade, realizando em sua atividade vital imediata toda a riqueza social, que, de mesmo modo, no plano espiritual, a consciência sensível imediata abarcará e assumirá em si a riqueza integral da consciência social.<sup>108</sup>

Esse processo de abertura, o “*Novum* (genuinamente coisa nova), não é estranho em termos materiais”.<sup>109</sup> Bloch rejeita a compartimentalização da realidade, que acredita ser característica do próprio capitalismo e a subordinação marxista da cultura para a organização econômica. Segundo ele, a superestrutura das atividades surge posteriormente à organização econômica, tendo uma relação dialética com a organização da produção e da divisão do trabalho.<sup>110</sup> Foi fundamental, ao longo de sua vida, o que ele chamou de “*Marxism-cold stream - Marxismus-kalten Strom*”: a teoria da evolução econômica que tem uma tendência inevitável em si, suficiente para provocar o colapso do capitalismo. Essa abordagem mantém-se reproduzindo o modelo capitalista e perpetua a divisão burguesa do trabalho.<sup>111</sup> A importância da posição de Bloch possibilita dizer que

107 ZEILINGER, Doris. *Natur und Zukunft Zu einem Kerngedanken der Philosophie Ernst Blochs*. Beitrag für die Zeitschrift *Kommune* zum 30, p. 5. Cito a possível tradução do título (A Natureza e o Futuro como ideia central da Filosofia de Ernst Bloch).

108 *Ibidem*, p. 6.

109 BLOCH, Ernst. “Ideias como algo material e Transformados nas mentes humanas, ou problemas de uma superestrutura ideológica (Patrimônio Cultural)”, em *A função utópica de Arte e Literatura*, traduzido por Jack Zipes e Frank Mecklenburg, (BLOCH, Ernst. *The Utopian Function of Art and Literature: Selected Essays. Studies in contemporary German social thought*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.).

110 *Ibidem*.

111 BLOCH, Ernst. *The Utopian Function of Art and Literature: Selected Essays. Studies in contemporary German social thought*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988, p. 23.

as atividades e nossas escolhas são tão importantes para a revolução como qualquer al-

112 *Ibidem*, p. 30. teração nas relações de produção.<sup>112</sup> O novo “emerge das fontes da vida” (*uberstromender*

113 *Ibidem*. *Sehnsucht nach dem ganzen Leben*).<sup>113</sup> Somente quando uma vida vibrante puser de lado a “convenção morta”, e os “ritmos alegres” superarem as velhas regras, a nova sociedade surgirá. Essa sociedade futura se situa em patamares completamente diferentes da

114 *Ibidem*. passada. A nova sociedade não quer ser a revolução, “Ela é a revolução”.<sup>114</sup>

Como diria Bloch, “o campo está florido de interrogações cuja voz ainda não fora ouvida pela Filosofia.”<sup>115</sup> Mesmo os homens tomados pela névoa do mistério têm uma consciência expectante que impele a maturação como potencialidade inserida nas contradições do mundo moderno, como provas tangíveis de que é possível o homem ter uma vida qualitativa, sinais parciais da efetiva naturalização do homem e a real humanização da natureza. O que implica dizer que a ação utópica é um mergulho nos contornos de um passado cuja paisagem em ruína tem um húmus (*docta spes*) necessário para fazer brotar a primavera do amanhã – o desvendar do futuro.

115 BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Vol. I. Tradução Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2009, p. 16.

## Referências

ADORNO, Theodor. *W. Henkel, Krug und Frühe Erfahrung*. GS, v. II, 1965.

ALBORNOZ, Suzana. *Ética e Utopia: ensaio sobre Ernst Bloch*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento; Santa Cruz do Sul: Editora UNISC, 2006.

BICCA, Luiz. *Marxismo e Liberdade*. Tradução de Vania Sampaio. São Paulo: Loyola, 1987.

BLOCH, Ernst. *Sujeto-Objeto: El pensamiento de Hegel*. Traducción: Wenceslao Roces, José Maria Ripalda, Guillermo Hirata Justo Perez del Corral. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie (1918)*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985.

BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie (1923)*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985.

BLOCH, Ernst. *The Spirit of Utopia*. Translated: Antony A. Nassar. California: Stanford, 1988.

BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung. Band. 1-3* Frankfurt M.: Suhrkamp, 1985.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. I. Tradução de Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2009.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 2. Tradução de Werner Fuchs. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2006.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 3. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: UERJ & Contraponto, 2009.

BLOCH, Ernst. *The Utopian Function of Art and Literature: Selected Essays. Studies in contemporary German social thought*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.

BLOCH, Ernst. *Heritage of our times. Trad.* Neville and Stephen Plaice. Cambridge: Polity Press, 1991.

BLOCH, Ernst. *Sujeto-Objeto: El pensamiento de Hegel*. Traducción: Wenceslao Roces, José Maria Ripalda, Guilherme Hirata Justo Perez del Corral. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

BLOCH, Ernst. *Tübinger Einleitung in die Philosophie*, Frankfurt M.: Suhrkamp, 1982.

BLOCH, Ernst. *Thomas Münzer teólogo de la revolución*. Madrid: Ciencia Nueva, 1968.

BLOCH, Ernst. *Über Marx*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1968.

BLOCH, Ernst. *La Philosophie de la Renaissance*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1972.

BLOCH, Ernst. *Vorlesungen zur Philosophie der Renaissance*. Frankfurt M.: Suhrkamp, 1972.

BOLDYREV, Ivan. *Ernst Bloch and His Contemporaries*. London: Bloomsbury, 2014.

BORGES, Anselmo. *Ernst Bloch: A esperança ateia contra a morte. Revista Filosófica de Coimbra*, n. 4. v. 2, (1993). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: German Bible Society; Westminster Seminary, 1996.

BOURETZ, Pierre. *Testemunhas do Futuro: Filosofia e Messianismo*. Tradução de J. Guinsburg, Fany Kon, Vera Lúcia Felício. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FOSSATTI, Nelson. Possibilidade Formal nas Utopias Concretas em Ernst Bloch *Revista Opinião Filosófica*, Porto Alegre, v. 5; n. 2, 2014.

FOSSATI, Nelson Costa. *A utopia em Ernst Bloch: Antinoíma como tensão na esperança (Docta Spes)*. 2013. 113.f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GEOGHEGAN, Vicent. *Ernst Bloch*. London: First Published, 1996.

HOWARD, Dick; KLARE, Karl E. *The Unknown Dimension: European Marxism since Lenin*. New York: Basic Books, 1972.

HUDSON, Wayne. *The Marxist Philosophy of Ernst Bloch*. New York. St. Martin Press, 1982.

JAMESON, Fredric. *Marxismo e Forma: Teorias dialéticas da literatura no séc XX*. Cap. III Ernst Bloch e o Futuro. São Paulo: Hucitec, 1985.

JAY, Martin. *Marxism and Totality: The Adventures of a Concept from Lukacs to Habermas*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1984.

JOST, Toni. *Die Figur des Messias im Denken Ernst Blochs*. GRIN/Verlag für akademische texte, 2007.

KLEIN, Manfred. *Heimat als Manifestation des Noch-Nicht bei Ernst Bloch*. GRINN, 2013.

LIMA, Carlos. *Genealogia dialética da utopia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

LOSURDO, Domenico. *A Luta de classes: uma história política e filosófica*. Tradução de Sílvia De Bernardinis. São Paulo: Boitempo, 2015.

LÖWY, Michel. *Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa Central*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUKÁCS, George. *História e Consciência de Classe: estudo sobre a dialética marxista*. Tradução de Rodinei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, Georg. *Historia y conciencia de classe*. La Habana/Cuba: Instituto del Libro, 1970.

MARX, Karl. *El Capital- Crítica de la Economía Política*. V. I. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

MARX, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política*. Livro 1 - O processo de produção do Capital Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÜNSTER, Arno. *Filosofia da práxis e Utopia concreta*. São Paulo: UNESP, 1993.

MÜNSTER, Arno. *Utopia, Messianismo e Apocalipse nas primeiras Obras de Ernst Bloch*. Tradução de Flávio Beno Siebenneichler. São Paulo: UNESP, 1997.

POGREBINSCHI, Thamy. *O Enigma do Político – Marx contra a política moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

QUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária*. Coleção Khronos. São Paulo: Perspectiva, 1982.

SANTOS, Thiago Reis dos. *Reconsiderando a utopia: um estudo sobre o pensamento de Ernst Bloch*. 2011, 102f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/SP.

THOMPSON, Peter; ŽIŽEK, Slavoj. *The Privatization of Hope: Ernst Bloch and the Future of Utopia*. Durham and London: Duke University Press, 2013.

UNTERMAN, Alan. *The Kabbalistic Tradition – An Anthology of Jewish Mysticism*. New York: Penguin, 2008.

VIANA, Francisco Antonio Marques. *A utopia concreta e o ainda-não-consciente na obra de Ernst Bloch*. 2015. 310.f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: Jewish History and Jewish Memory*, Washington, University of Washington Press, 1982.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: História Judaica e Memória Judaica*. 2. ed. Tradução de Lina G. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

ZEILINGER, Doris. *Natur und Zukunft Zu einem Kerngedanken der Philosophie Ernst Blochs*. Beitrag für die Zeitschrift, Kommune“, zum 30.

ZUDEICK, Peter. *Der Hintern des Teufels. Ernst Bloch - Leben und Werk*. Moos & Baden-Baden, 1987.